



A. Estado, Poderes e Sociedade

B. Estruturas Produtivas, Trabalho e Profissões

C. Educação e Desenvolvimento

D. Território, Ambiente e Dinâmicas Regionais e Locais

E. Cultura, Comunicação e Transformação dos Saberes

F. Família, Género e Afectos

G. Teorias, Modelos e Metodologias

Sessões Plenárias

Estratégias e Projectos Familiares de Mobilidade Social em contexto rural *

Pedro Vasconcelos **

Família e mobilidade social

O nosso objectivo de investigação foi o de descrever e explicar quais as estratégias e projectos familiares que as famílias da vila de Castelo de Vide levam dinamicamente a cabo com o intuito, consciente ou não, de conservarem ou transformarem as posições sociais herdadas e adquiridas.

[1] O que pretendemos ver foi o modo como diferentes gerações de indivíduos com diferentes origens e trajectórias sociais, bem como diferentes tipos de conjugalidade, logo, com diferentes estruturas organizativas de especialização sexual na família, agem prática e representacionalmente em diferentes mas interligados âmbitos estruturais da sociedade a fim de, com ou sem enunciação discursiva de objectivos, se “moverem” dentro da estrutura global de classes sociais. Assim, outro dos fins da nossa investigação era o de poder ver de que formas particulares a passagem de uma consciência prática para uma verbalização discursiva de objectivos estratégicos afectaria o ímpeto e a realização efectiva de processos de mobilidade. Ou seja, pretendia-se ver de que modos a construção de projectos familiares favorecia ou não a mobilidade.

A noção de mobilidade social subentende que a sociedade onde vivem os actores sociais é uma sociedade diferenciada, ou seja, associada à ideia de mobilidade social está a ideia de que existem lugares e posições diferenciadas, hierarquizadas e em relação umas com as outras no todo social. Estudar a mobilidade social é, assim, estudar as maneiras e os modos como as posições sociais se transmitem de geração em geração, ou como essas transmissões são levadas a cabo dentro de

um dada geração. [2] A ideia aqui subjacente é a de que há uma relação entre a origem social e a posição social atingida na vida adulta, ora, as maneiras como esta relação se estabelece é que ainda estão pouco esclarecidas [3], mas é lógico pensar que o fenómeno da mobilidade social não se verifica

da mesma maneira nas diferentes classes sociais. [4]

Esta problemática sofreu várias e muitas vezes discordantes conceptualizações, umas que acentuaram preponderantemente a acção dos indivíduos como mecanismo central de explicação das mudanças de posição social, outras que acentuaram o peso das relações sociais anteriores à acção como estruturador e construtor da (i)mobilidade. Esta é de facto uma problemática muito discutida e às vezes liminarmente recusada como não pertinente.

Há assim, e em nossa opinião, que ultrapassar a antinomia entre os pólos teórico que tudo fazem derivar das estruturas e os pólos teóricos que tudo fazem derivar das práticas observáveis. O que não invalida, por exemplo e sobre o que nos interessa, que seja importante conhecer as transformações na estrutura socioprofissional para que se possam perceber as trajectórias de mobilidade social

das famílias. [5] De facto, é necessário que haja “uma estrutura de oportunidades que faça da

mobilidade social uma possibilidade objectiva”, [6] mas essa mobilidade pode muito bem, e em muitas situações assim o é, ser conseguida devido às estratégias dos indivíduos e das famílias, não sendo meramente o “despejar” diacrónico de agentes sociais de uma categoria social para outra categoria social, consoante as transformações endógenas da própria estrutura social, não sendo,

pelo menos apenas, uma distribuição antroponómica. [7]

Uma coisa é a análise mais macrossociológica do evoluir da própria estrutura de classes sociais, outra coisa é a análise mais microssociológica do evoluir dos agentes pela estrutura de classes sociais

em transformação.^[8] A conceptualização do conceito de classe social enquanto vector analítico fundamental deve pois apoiar-se numa perspectiva de multidimensionalidade estrutural

dos processos da sua constituição.^[9] Tal equacionamento do conceito de classe, *i.e.*, a sua não redução a um estrito economicismo, estrutural ou individualista, pretende evitar dois simplismo analíticos: centralizar toda a análise de classes na problemática da estrutura de classes, deduzindo as práticas sociais dessa mesma estrutura; ou, por outro lado, projectar toda a análise na direcção das práticas sociais imediatas.

A multidimensionalidade das classes sociais assenta na ideia de que existem vários vectores (económico, qualificacional, relações de autoridade, etc.) que estruturam o espaço social e as pertenças sociais objectivas, ou seja, esta é a ideia de que existem vários tipos de recursos

“cuja distribuição desigual condiciona a localização dos indivíduos na estrutura social”.^[10] Neste sentido Pierre Bourdieu propõe-nos a ideia de um espaço social das classes estruturado por três dimensões básicas: volume de capital, estrutura das principais espécies de capital e trajectória

social (passada e potencial)^[11] A classe é assim construída pela estrutura das relações entre todas as propriedades pertinentes para a sua definição. As diferenças primárias que distinguem as grandes classes de condições de existência encontram o seu princípio no volume global de capital. As fracções de classe dentro das grandes classes de existência são definidas por estruturas patrimoniais diferenciadas, ou seja, por diferentes distribuições no seu capital global das várias espécies de capital (económico, cultural e qualificacional, simbólico, social, etc.). A trajectória social diz respeito à evolução no tempo do volume e da estrutura dos capitais, devendo ser entendida como “feixes de trajectória modais que delimitam, a cada momento, o campo de probabilidades de cada trajecto individual”, exactamente devido à diferenciada e desigual posse quer de volumes globais

de capital, quer de espécies específicas de capital.^[12]

Classe social é então definida como o conjunto de agentes que estão colocados em condições de existência homogéneas, impondo condicionamentos homogéneos e produzindo sistemas de disposições homogéneas, próprios a engendrar práticas semelhantes, e que possuem um conjunto

de propriedades comuns (nas três dimensões acima referidas).^[13]

É no quadro desta proposta que a introdução do conceito de *habitus* nos permite superar a

dicotomização entre objectivismo e subjectivismo.^[14] O *habitus* é o sistema de disposições adquiridas duráveis e transponíveis (logo, integrando a experiência passada e assim funcionando a cada momento como matriz de percepções, de apreciações e de acções) que é princípio gerador e estruturador das práticas e das representações, com certa regularidade e passíveis de regulação (sem cair na obediência a regras e normas exteriores de carácter holista), objectivamente classificáveis e de sistemas de classificação dessas práticas e representações. É assim uma gramática orientadora da construção representacional e prática no e do mundo, é uma “estrutura estruturada predisposta

a funcionar como estruturante”.^[15]

As estratégias, e é de estratégias de mobilidade social que tratamos, nascem então das potencialidade práticas dos *habitus*. Estes, sendo a incorporação de necessidades sociais objectivas (logo, incorporação do “sentido de jogo” de uma determinada estrutura objectiva de relações sociais), criam estratégias que, não sendo o produto de um visão estratégica consciente com objectivos explícitos e com base num conhecimento “clarividente” das condições reais de “jogo”, nem de uma determinação mecânica por causas exteriores, se encontram objectivamente ajustadas às situações

de sua aplicação.^[16] Contudo estes ajuste é tendencial, pois a adequação das estruturas cognitivas às estruturas objectivas (a transformação do mundo social em disposições integradas) é sempre um processo dinâmico e inacabado, sempre aberto. As estratégias nascem assim do sentido prático que é o produto da exposição durável dos agentes sociais a condições sociais diacronicamente e relativamente semelhantes, sendo que esse sentido prático da prática efectiva é uma capacidade criadora, activa e transformativa (ou mesmo performativa), mas não o produto de um sujeito racional transcendente. A definição de estratégia aqui presente é uma que obedece a um primado da razão prática, ou seja, dá-se prevalência ao conhecimento prático que os agentes sociais têm como disposições incorporadas, afirmando-se concomitantemente que a consciência é sempre uma consciência possível (o que não é o mesmo que negá-la, note-se) e que a eficácia do sentido prático reside consideravelmente no desconhecimento das delimitações objectivas desse conhecimento, pela ilusão de liberdade e de livre-arbítrio totais, pelo credo na consciência

transcendente que se crê possuir.^[17]

Assim, as estratégias de mobilidade social podem ser concebidas como estratégias, consciente ou não (mas cuja génese prescinde da consciência), que, em vários âmbitos de acção social possível, visam

a reprodução biológica e social dos grupos primários onde se inscrevem os indivíduos - as famílias. É o que P. Bourdieu denomina de “sistema de estratégias de reprodução”.^[18] Se a família, fundada pela instituição matrimonial, está profundamente ligada ao fenómeno classista (Jean Kellherals diz-nos que “le couple se constitue en s'imprégnant des déterminismes de classes”^[19]), então, a unidade familiar deve e “pode constituir o elemento privilegiado de uma análise de classe, (...) porque aí se condensa e organiza um conjunto de efeitos sociais diferenciados e a partir daí se estruturam práticas socialmente significativas”.^[20] De facto, a família é o lugar primordial de socialização dos indivíduos, de inculcação de um *habitus* primário,^[21] além de principal intermediário entre indivíduos e o todo social.^[22] É neste sentido que o conceito de *famílias de classe*, proposto por Bertaux, nos ajuda a pensar a família como eixo de construção das diferenças sociais.^[23] Mas, se nos interessa a análise da família como fonte de reprodução das desigualdades sociais, igualmente nos interessa ver de que modos as famílias funcionam como base não de continuidade estacionária, mas sim de mobilidade social ascendente. D. Bertaux, inflectindo relativamente a sua anterior posição (mais estruturalista), diz-nos, e concordamos, que é necessário apreender os processos, relações e estratégias que têm lugar no seio das famílias, pois são estes processos intrafamiliares que dão forma às trajectórias sociais.^[24] De facto, um dado casal é a união de duas origens, é o produto de duas trajectórias sociais. Ora, essas trajectórias, por mais semelhantes que possam socialmente ser, são sempre diferenciadas nem que seja por serem trajectórias de indivíduos de sexo e género diferentes.^[25] Assim, o casamento traz para o jogo da matrimonialidade a natureza e o conteúdo das identidades sociais de género e das práticas e papéis sexualmente diferenciados que lhes estão afectados, bem como dos capitais e recursos desiguais que homens e mulheres levam respectivamente para as suas conjugalidades. Consequentemente, as diferenças sociais entre os cônjuges devem ser conceptualizadas como um processo homogâmico dinâmico, no qual proximidades e distâncias se vão permanentemente reconfigurando.^[26] Essas diferenças dinâmicas, no quadro das diferenças sexuais entre os cônjuges, contribuem diferencialmente a que o sentido da conjugalidade construa diferentes complexos conjugais de articulação estratégica, *i.e.*, um determinado *projecto de família* (consciente ou não) induz determinados sentidos estratégicos (meramente a nível prático ou eventualmente já verbalizados) de actuação conjugal. Quer isto dizer que os modos de inserção social dos indivíduos e das famílias não podem ser desligados dos comportamentos familiares e conjugais, de facto, a génese das inserções socioeconómicas (o “trabalho como vivência” deve ser compreendido no âmbito dos sentidos da conjugalidade) reconstrói-se através das trajectórias familiares, que são sempre internamente sexualmente diferenciadas.^[27] Cremos que há que introduzir a conjugalidade no conceito de *famílias de classe*,^[28] o que é introduzir a ideia de que as estratégias conjugais integram sempre ponderações diferentes de ambos os cônjuges,^[29] diferenças que residem no carácter sexuado das trajectórias sociais^[30] - “nous considérons la famille comme traversée, constituée fondamentalement par les rapports sociaux de sexe”.^[31] Deste modo, falar de estratégias familiares e não apenas de estratégias individuais é falar dos processos de interacção entre duas ou mais pessoas, marcadas por trajectórias sociais próprias e ligadas por um destino comum (pelo menos por certo tempo...). Daí o falarmos de complexo estratégico conjugal para a mobilidade, nem que seja pelo facto de cremos que grande parte das estratégias de mobilidade são-no pela constituição e manutenção de uma família de procriação. De facto, se o estudos das diferenças e semelhanças sociais entre os cônjuges (o estudo das homogamias) muito nos diz sobre o casamento e a família, não é contudo suficiente para nos dar plenamente conta das estratégias e dos projectos familiares, pois a adição que é o casamento produz mais que uma mera soma, produz igualmente uma estrutura de interacções entre as partes.^[32] O complexo estratégico é assim uma organização específica dos sistemas de estratégias de reprodução social articulados dos dois cônjuges, do casal. A trajectória do casal é consequentemente um conjunto de trajectórias interdependentes e com um sentido estratégico. Por conseguinte, e no seguimento de tudo o que já se disse, os processos de mobilidade social não podem ser apenas explicados pela trajectória de classe dos cônjuges. Tem também que se fazer intervir como factor explicativo a estrutura de papéis sociais de género e as interacções

conjugais específicas que daí nascem. Daí que seja necessário ter em conta uma diferenciação das famílias não apenas segundo um critério classista, mas também segundo um critério de integração conjugal (ou seja, de articulação diferencial de género no casal). Adoptámos para tal a tipologia proposta por Louis Roussel: família instituição, família aliança, família fusão e família associação. [33]

Esta tipologia parece-nos que dá conta, e era isso que nos interessava, quer das especificidades de relacionamento entre os cônjuges, quer do sentido global das conjugalidades, isto no âmbito de casamentos que são sempre (nunca é de mais repeti-lo) sexualmente diferenciados.

Ora, temos assim um quadro de análise onde as estratégias familiares de mobilidade social são explicadas pela trajectória social (pelo percurso de classe dos cônjuges) e pelo tipo de família conjugal, bem como pelo estado específico das estruturas de chances objectivas de mobilidade (que nos remete, em termos operacionais, não só para a reconstrução da evolução estrutural do contexto onde se realizam as estratégias, mas também para a importância da pertença geracional, a idade, dos agentes, que nos permite situar os pontos de viragem do seu ciclo de vida familiar no contexto estrutural em que se verificaram, contexto que, obviamente, limita os âmbitos de possibilidade da acção estratégica).

Mas o nosso objectivo não era, apenas, reconstruir e explicar as estratégias de mobilidade social

das famílias, esses agentes grupais centrais dos processos de mobilidade. [34] As estratégias meramente práticas não dão conta de todos os processos verificados nas famílias para alcançar uma mobilidade (ascendente), havendo que procurar também aquelas situações em que o discurso nascido da prática orienta retroactivamente (em termo lógicos) a própria prática.

Temos aqui, portanto, o conceito de *projecto familiar*, que, cremos nós, muito nos ajuda a compreender as situações onde as estratégias, que emanam sempre das potencialidades práticas dos *habitus*, atingem um nível de verbalização. Ora, enunciar discursivamente uma realidade construída (mesmo que futura) não é uma redundância que nada produz. Representar o mundo, dar-lhe sentido, constrói o mundo representado que o sentido enuncia. Já Bourdieu afirmava que “Réprésenter, porter au

jour, produire, n'est pas une petite affaire. Et l'on peut, en ce sens, parler de création”. [35] Assim, há um carácter performativo próprio das representações sociais que, sendo “um sistema de valores, de noções e de práticas relativas a objectos sociais, permitindo a estabilização do quadro da vida dos indivíduos e dos grupos, constituindo um instrumento de orientação da percepção e de elaboração das respostas, e contribuindo para a comunicação dos membros de um grupo ou de uma comunidade”, deve necessariamente ser integrado num quadro de conceptualização sobre as

maneiras como as pessoas e as famílias se “movem” no todo social. [36]

Consideramos que as famílias são assim “espaces de construction de projets relativement autonomes faisant appel aux ressources instrumentales et affectives de ses membres. (...) Certes,

toutes les familles ne sont pas également portées à développer des visées stratégiques...”. [37] De facto, o “conceito de projecto remete para dimensões mais conscientes da acção e para as margens de escolha de indivíduos e grupos”. [38] É nesse sentido que a contribuição teórica de Anthony Giddens, [39]

com a diferenciação que faz entre uma consciência prática e uma consciência discursiva, e com

a introdução da noção de monitorização reflexiva da acção, [40] nos ajuda a perceber que, de facto, levar a cabo um projecto implica a capacidade reflexiva de imaginar um fim, ora esta capacidade está estreitamente ligada ao volume de capitais culturais (particularmente linguísticos), o que nos

coloca perante a questão das desigualdades de “gestão lógica”. [41]

Se as estratégias nascem das possibilidades práticas inscritas nos sistemas de disposições adquiridas

(os *habitus*), respondendo a todo um conjunto variado de exigências quotidianas, [42] os projectos, sendo o resultado da acção estratégica, são também, dependendo do seu grau de explicitação e verbalização (que é sempre algum), uma espécie de corpo normativo dessas práticas, além de

enunciação dos objectivos práticos das estratégias seguidas. [43] Assim, os projectos familiares concretizam-se em práticas estratégicas, mais ou menos conscientemente geridas pela batuta dos objectivos verbalizados. Constituem, enquanto projectos de sentido global da relação conjugal, formas de mobilização familiar para a mobilidade social.

Mas, ao contrário de D. Combes e de M. Haicault, cremos que pensar em termos da existência (e do impacto) de projectos familiares não é negar, em função de uma qualquer “harmonia” conjugal, o

papel das relações de classe e género na conjugalidade. [44] Pelo contrário, os projectos familiares assentam nas diferenças sociais de classe e de género entre os cônjuges.

Daí que as estratégias, nascidas do *habitus*, e os projectos, nascidos da capacidade de verbalizar as estratégias e de as gerir, integrem (ou seja, façam com que seja uma coisa integrada) o ciclo de vida familiar, não como estrutural-determinado, mas como *situs* onde os actores estrategicamente gerem os pontos críticos e enveredam por opções, assim estruturando um percurso e uma trajectória, com base nas específicas disposições integradas nos seus *habitus*. Assim, a sucessão de acções e decisões, com o passar do tempo, diminui a abertura e amplitude do campo de trajectórias

modais possíveis (efeito de determinação crescente).^[45] É com base nesta crescente determinação da trajectória social (que é um presente que, com base no passado, determina os futuros possíveis) que podemos, e era esse também um dos nossos objectivos, reconstruir e explicar os modos de reprodução familiar intergeracional. E é quando se trata da reprodução que se percebe que as dinâmicas especificamente conjugais e as dinâmicas especificamente intergeracionais

estão estreitamente articuladas.^[46] Verificam-se linhas de força que, pela continuidade ou pela ruptura, articulam origem social, história conjugal e futuro social.

Estratégias de mobilidade social e projectos familiares

A análise e dados, permitiu-nos a construção de grupos relativamente homogéneos de casos segundo o tipo de estratégias e/ou projectos familiares de mobilidade social.^[47]

No grupo lato das *estratégias de duplo assalariamento* encontramos o subgrupo de casos com *projectos de dupla carreira* e o subgrupo de casos de *duplo assalariamento sem projecto*. Estes são casos onde a diferenciação sexual é pequena (ao menos representacionalmente), o que produz que a inserção das famílias na estrutura económica se dê pelo assalariamento naturalizado de ambos os cônjuges, homem e mulher. Estas são também as gerações mais novas, casadas já depois do 25 de Abril, quando não mesmo gerações que viveram a totalidade da sua vida adulta nos últimos 20/10 anos.

Nos casos de projectos de dupla carreira constatou-se que os cônjuges têm origem, pelo menos, nas pequenas burguesias mais favorecidas, nomeadamente em termos de capitais escolares e de inserções profissionais dos pais. Tiveram uma socialização de reforço da autonomia pessoal e de incentivo à escolarização como mecanismo de realização pessoal e de mobilidade, o que provocou, conjugado com as características anteriores, que em ambos os cônjuges possamos ter verificado estratégias de reconversão de capitais económicos em capitais qualificacionais (em ruptura ou continuidade com a situação das famílias de origem). Assim, temos casais onde, no âmbito de casamentos fusionais abertos e de igualdade sexual, se encontram verbalizações explícitas da dupla carreira como projecto conjugal, projecto esse que se leva a cabo e se pretende realizar de uma forma planeada (gerida). Estes são casamentos hipogâmicos, onde o estatuto social das mulheres é superior ao dos homens, sendo este o factor que explica as estratégias de “homogamização” conjugal que resultam nos projectos de dupla carreira. Os filhos são aqui entendidos como gratificação expressiva, apostando os núcleos conjugais em claras estratégias de acumulação (ou reconversão) de capitais escolares para que esses filhos assim continuem o sentido estratégico verbalizado que é o de seus pais e que produziu reais efeitos de mobilidade social.

Nos casos de duplo assalariamento sem projecto (ou seja, onde o duplo assalariamento não chega a ser discursivamente elaborado, sendo apenas uma prática estratégica não muito pensada, mas naturalizada) as origens sociais são mas baixas que as dos casos anteriores, agora estamos já nas pequenas burguesias de execução (muitas vezes manual) ou mesmo em franjas operárias. O nível qualificacional dos pais de ambos os cônjuges é a 4ª classe. Estes últimos receberam o que designámos como uma socialização “desleixada”, nem de incentivo aos estudos, nem de profissionalização. Estas são situações de nebulosidade estratégica e de centramento no tempo curto, o que induz a situações de continuidade reprodutiva não planeada mas levada quotidianamente à prática, de resto situações reforçadas pela natureza homogâmica destes casamentos (que são fusões autocentradas). Este não planeamento estratégico reproduz-se nos modos de socialização dos filhos, não se verificando aqui qualquer processo de mobilidade ascendente. Se alguma melhoria profissional se verifica, esta deve-se a transformações globais na própria estrutura socioprofissional e não a projectos de acção conjunta para a mobilidade.

No grupo das estratégias de profissionalização masculina e especialização doméstica da mulher temos três tipos de casos: os de projecto de profissionalização masculina com base na escolaridade, os de profissionalização masculina sem base escolar e, finalmente, os de assalariamento masculino sem projecto. Em todos estes tipos de casos os cônjuges têm mais de 45 anos (com uma única excepção) e caracterizam-se por uma visão e prática sexualmente diferenciada quer das relações familiares, quer das inserções familiares na estrutura económica e social.

Os casos de projectos de profissionalização masculina com base escolar têm origem familiar na burguesia ou pequenas burguesias mais elevadas. Apesar da fraca escolaridade dos pais, os homens

dos casais estudados foram incentivados à obtenção de títulos escolares, numa clara estratégia de reconversão de capitais económicos em qualificacionais. Estes são casamentos homogâmicos (apesar de um ligeiro factor hipergâmico), onde os capitais e a inserção socioprofissional masculina são salientados no âmbito do que podemos considerar ser um modelo *parsoniano* de família (com a consequente “desvalorização” instrumental da mulher). Esta matriz é claramente verbalizada enquanto projecto familiar destas alianças tradicionais burguesas. Aqui os filhos são igualmente entendidos como fonte de gratificação expressiva, sendo levados a estratégias de reprodução familiar ascendente através da obtenção de capitais qualificacionais.

Por sua vez, nos casos de projectos de profissionalização masculina sem base escolar, encontramos uma situação semelhante a esta, mas mais popular. Aqui os homens têm origem nas pequenas burguesias independentes e/ou pequeno-proprietárias e as mulheres nas pequenas burguesias de execução ou mesmo no operariado. Estes são portanto casamentos claramente hipergâmicos. Ambos os cônjuges receberam, de uma forma sexualmente diferenciada, socializações para o trabalho desde tenra idade, configurando-se assim uma situação de continuidade reprodutiva ascensional devido à “herança” profissional por via masculina. Também aqui estamos face a um modelo *parsoniano* de família (estes são casamentos aliança tradicional popular), onde a instrumentalidade global do casamento é fortemente salientada e, nos moldes específicos em que se verifica, verbalizada como projecto. No que diz respeito aos filhos verificam-se estratégias de reprodução não planeada, o que, dado a progressiva desestruturação dos mecanismos institucionais de reprodução oficial, pode levar a que as conquistas em termos de mobilidade conseguidas pelos nossos entrevistados e suas mulheres venham a ser perdidas na geração que se lhes segue. Nos casos de assalariamento masculino sem projecto, a origem familiar de ambos os cônjuges é claramente operária e de um operariado particularmente destituído de capitais. Ambos os cônjuges receberam uma socialização para o trabalho (sexualmente diferenciado de uma forma tradicionalista) desde tenra idade, no âmbito não de uma continuidade ascensional, como nos casos anteriores, mas sim de continuidade reprodutiva não planeada. Assim, temos casamentos fortemente homogâmicos na base das hierarquias sociais, casamentos onde a instrumentalidade global do matrimónio é fortemente salientada (estes casamentos são em regra alianças tradicionais populares ou instituições de subsistência), mas uma instrumentalidade que não só produz projectos verbalizados. Aqui impera fortemente uma nebulosidade estratégica que remete os indivíduos e as famílias para uma mera gestão prática do quotidiano, quotidiano esse vincadamente sexuado, ou seja, de fortíssima diferenciação sexual quer na família, quer no trabalho, diferenciação essa que afirma um claro princípio de dominação masculina na família e no mundo. É devido a esta vincada diferenciação sexual que podemos falar de situações de duplo assalariamento de necessidade, sem que isso nos faça cair nas infrutíferas polémicas sobre o trabalho feminino como opção ou como imposição. Aqui os filhos são alvo de estratégias de continuidade social não planeada (tal como os pais o foram), com recusa dos estudos (eventualmente excepto nos casos de claríssima vocação escolar desde a mais tenra infância) e de incentivo ao trabalho. Assim, a situação social desses filhos é essencialmente a mesma que a de seus pais, devendo-se eventuais modificações nessa situação à transformação da própria estrutura de oferta de emprego pouco ou quase nada qualificado.

No último grupo, o dos casos de *família empresa*, encontramos uma maior variedade de situações: casos de *família empresa-actividade* (que inclui uma subvariedade, a *família empresa-actividade moderna*), de *família empresa-patrimonial* e casos de *negócio-reforma*. Tal como o grupo estratégico anterior aqui também estamos face a indivíduos com mais de 45 anos em cujos casamentos se verifica igualmente fortes diferenciações sexuais (com a excepção dos casos únicos de família empresa-actividade moderna e de família empresa-patrimonial).

Nas situações de família empresa-actividade verifica-se igualmente uma homogamia de origem entre os cônjuges no operariado, igualmente um operariado destituído de capitais. Aliás as características globais das origens sociais destes casos são muito semelhantes às que encontramos nas situações de assalariamento masculino sem projecto, exactamente porque as situações de família empresa-actividade delas decorrem. Contudo, estes casamentos lograram escapar a uma reprodutividade estratégica continuista. Tal foi conseguido através da formulação de projectos familiares que levaram a uma transposição da estrutura de relacionamentos conjugais (uma estrutura sexualmente diferenciada de trabalho - estes são também casamentos do tipo associação tradicional popular, com um caso de instituição de trabalho) para a organização e funcionamento de negócios familiares. Podemos dizer que estes são casos onde, pela maximização do tipo específico de relações conjugais que *grosso modo* herdaram de seus pais, os actores conseguiram uma mobilidade social ascendente ainda que limitada pelas próprias características estruturais do mecanismo que possibilitou essa mobilidade. Os filhos destes casais, sendo também fonte de gratificação expressiva, preenchem um papel familiar muito instrumentalizado - o de contribuir para o trabalho global da família no negócio familiar. A socialização “desleixada”, em termos de incentivo ao estudo ou ao trabalho como ética de responsabilização, que estes filhos

receberam e recebem, contribui para que venham posteriormente a ser integrados, como eventuais sucessores, na lógica empresarial familiar.

No caso único de família empresa-actividade moderna ressaltaremos apenas que, dada a pertença geracional deste casal (na faixa dos 20/30 anos e com um casamento do tipo fusão autocentrada) e a hipergamia de origens contrariada por uma hipogamia qualificacional, foi a distância educacional e cultural entre os cônjuges que levou à constituição de um negócio familiar permitindo a realização de um projecto de carreira a dois, como estratégia de “homogamização” que permitiu, para o homem, a fuga a um assalariamento desqualificado (pelo qual provavelmente se quedaria se não tivesse casado) e a fuga, para mulher, a uma família de origem profundamente destituída de capitais.

Na situação de família empresa-patrimonial, apesar da pertença geracional (faixa etária dos 70 anos e com um casamento instituição de trabalho), assiste-se igualmente a uma situação de carreira a dois devido aos efeitos prolongados de uma marcada hipogamia de origem. Aqui a origem da mulher permitiu (não só pelo acesso a um capital patrimonial, mas igualmente por acesso a um capital social), apoiando-se igualmente na anterior profissão do homem, a constituição de um negócio com acumulação patrimonial, negócio claramente enunciado como projecto familiar de trabalho conjunto. Assim, a continuidade ascensional com acumulação patrimonial que caracteriza a conjugalidade por relação às origens sociais dos cônjuges (embora mais da mulher que do homem) é transmitida (e recebida) como estratégia de mobilidade social pelo filho único deste casal que, através da sua conjugalidade, reproduz cumulativamente e por um efeito de herança antecipada o sentido da acção paterna.

As situações de negócio-reforma, como situações de projecto de família empresa-actividade tardios que são, caracterizam-se essencialmente pelas mesmas particularidades que esse tipo de casos, inclusive até no facto de, antes de se tornarem famílias empresa-actividade, terem sido casos de assalariamento masculino sem projecto com concomitante especialização doméstica da mulher. Contudo, e ao contrário desses casos, o carácter tardio da formulação dos projectos familiares (possibilitados também por pequenas heranças de via feminina) faz com que a socialização dos filhos e o sentido estratégico que se imprime às suas trajectórias, enquanto ainda dependentes do núcleo conjugal paterno, não seja de “desleixo” e de nebulosidade estratégica, mas sim de reconversão de actividades e capitais com vista à mobilidade social desses filhos (que

assim “puxam” retroactivamente os pais para uma mobilidade igualmente ascendente).^[48] De facto, os negócios-reforma caracterizam-se muito por serem pensados e realizados para os filhos (ou em grande medida para os filhos).

Os estilos educativos propostos por D. Baumrind ajudam-nos a perceber as situações de socialização “desleixada”, se acrescentarmos um estilo aos que propõe, que são o estilo *permissivo* (controlo fraco e apoio elevado), *autoritário* (controlo elevado e apoio fraco) e

autorizado (controlo e apoio elevados).^[49] O que nos propomos acrescentar, para nos dar conta das situações de “desleixo” que constatamos, é um estilo *frouxo*, onde quer o controlo e o apoio são igualmente fracos.

Verificamos que o estilo educativo *frouxo*, que leva a socializações “desleixadas”, está em regra presente nos grupos de estratégias e projectos familiares para a mobilidade que têm uma origem social mais baixa e popular, mesmo que a sua presente situação de classe seja consideravelmente mais favorecida que essa origem. Ou seja, esse estilo *frouxo* está marcadamente presente nas situações meramente estratégicas (práticas), sem definição de projectos discursivos (situações de duplo assalariamento sem projecto e situações de assalariamento masculino sem projecto), mas também nas situações, já com definição de projectos, de profissionalização masculina sem base escolar, família empresa-actividade (exceptuando o caso único de família empresa-actividade moderna) e num dos casos de negócio-reforma.

Porque é assim? De facto, já J. Kellerhals e C. Montadon demonstraram que as classes sociais mais altas salientam nos processos de socialização dos filhos as capacidades de auto-regulação e de definição autónoma de objectivos, apostando claramente em percursos de sucesso escolar, e que as classes mais baixas salientam, por sua vez, a adaptação aos constrangimentos exteriores e

a obediência a regras.^[50] É como se, como nos diz P. Bourdieu, “as disposições negativas em relação à escola, que conduzem à auto-eliminação a maioria dos filhos das classes ou fracções de classes mais desfavorecidas culturalmente (...), **Error! Bookmark not defined.** devesses**Error! Bookmark not defined.** ser entendidas como uma antecipação (...) das sanções que a escola reserva

objectivamente às classes ou fracções de classe desprovidas de capital cultural”.^[51] Assim, o insucesso escolar dos menos favorecidos e dominados socialmente leva-os, pela recusa da instituição

que os “reprovou”, a se quedarem objectiva e subjectivamente pelo lugar dominado que ocupam.^[52] Mas pudemos constatar que esse insucesso escolar e essa minorização ou recusa da escola

pode preencher “funções” sociais diferenciadas, mesmo em termos dos processos de mobilidade social. Se, nos casos sem projecto familiar, as realidades acima referidas contribuem, pela construção de uma nebulosidade estratégica, para a reprodução continuista das posições sociais (relativas) do que apelidamos de “famílias-lodo”, por outro lado, nos casos com projectos familiares definidos onde também essas situações se verificam (particularmente no caso das famílias empresa-actividade), pode-se ver como tal realidade é uma potencialidade inscrita nas matrizes familiares dos próprios projectos familiares, que assim asseguram a sucessão e continuidade familiar evitando a “fuga” social dos filhos devido a um eventual “demasiado sucesso social”.

Na realidade, há uma marcada diferença entre os projectos que passam pelo assalariamento com base escolar (de ambos os cônjuges ou apenas do homem) e aqueles que passam pela maximização no presente do funcionamento familiar como unidade de trabalho.

Nos primeiros os objectivos, que a matriz específica dos projectos familiares pretende realizar, são mais claros. Nos segundos os objectivos finais não são tão conscientes, apesar dos projectos, como “modos de funcionamento familiar”, o serem. Nestes últimos o objectivo é um genérico melhorar de vida, enquanto que nos primeiros é um melhorar de vida “assim e assado, fazendo isto e aquilo”, ou seja, é um melhorar de vida especificado.

A perspectiva a longo prazo é mais comum nas classes e fracções de classe mais favorecidas, enquanto que as mais desfavorecidas teriam mais dificuldades em sacrificar as satisfações imediatas

a objectivos longínquos,^[53] ora, o quedar-se pelo termo curto é em última análise a incapacidade de dominar as etapas mais distantes, assim, a focalização das classes mais baixas no presente (e a passividade e fatalismo das famílias em relação aos futuro) explica muitos dos processos verificados de nebulosidade estratégica e gestão eminentemente quotidiana, que também se verifica

como socialização “desleixada” nos filhos das famílias empresa-actividade (não na moderna).^[54]

É como se se verificasse uma interiorização inconsciente das probabilidades objectivas (poucas) em esperanças subjectivas (igualmente poucas) - é a necessidade feita virtude.

Toda esta questão está profundamente ligada ao volume específico de capitais qualificacionais de pelo menos um dos cônjuges (se pelo menos um dos cônjuges tiver bom nível qualificacional as situações referidas parecem não se verificar), pois, a capacidade de verbalização de projectos está ligada ao domínio de um capital especificamente linguístico. Já B. Bernstein chamava a atenção para o facto de que as famílias mais populares fazem uso de um código linguístico restrito, por oposição ao

uso, nas famílias de classe média, de um código linguístico elaborado.^[55] De facto, as famílias de classe média assalariadas são mais induzidas (pela sua inserção e trajectória objectiva, bem como pelo seu nível mais elevado de gestão lógico-linguística) a construir a sua relação com o mundo como uma relação explícita entre fins e meios (e a integrar a escola como elemento central dos seus

projectos).^[56]

Isto não quer dizer que aqueles dotados de menos capitais escolares não possam formular projectos (já vimos que podem), mas quer dizer que há diferenças entre tipos de projectos que tentam realizar hoje a promessa de um futuro melhor, mas *aberto* (casos de dupla carreira e de projectos de profissionalização masculina com base escolar), nomeadamente no que toca aos filhos, e tipos de projectos que tentam realizar hoje um futuro melhor, mas *fechado* (casos de projectos de profissionalização masculina sem base escolar, família empresa-actividade e um dos casos de negócio-reforma).

O caso único de família empresa-patrimonial é neste aspecto interessante, pois é ao mesmo tempo um projecto aberto e fechado. Fechado porque contém em si a necessidade de continuidade sucessoral do património indiviso. Aberto porque segue uma lógica “agressiva” e criativa de acumulação patrimonial. A família empresa actividade moderna vive na tensão entre as tendências para um projecto fechado por parte do homem e as tendências para um projecto aberto por parte da mulher.

Nos casos sem projectos familiares é como se “a preocupação com o futuro (...) [fosse]

“funcionalmente” não pertinente”.^[57] Certamente que em todos os casos de projectos familiares verbalizados, apesar das diferenças apontadas, a enunciação performativa da realidade contribui à realização dessa realidade, mas há níveis diferentes de enunciação performativa. Nos casos em que os projectos são abertos, as estratégias de mobilidade são mais de reestruturação de capitais, implicando essa reestruturação uma maior gestão lógica das opções a tomar. Estes são casos mais performativos. Nos casos onde os projectos são mais fechados, as estratégias de mobilidade são mais de reprodução ascensional por maximização de determinados modos de “funcionamento” conjugal, não se pondo nunca em causa esses modos de “funcionamento” - tal seria negar a própria família. Estes são casos menos performativos.

Apesar destas diferenças entre tipos de projectos familiares verificou-se, por comparação com as situações de acção estratégica familiar sem projecto, que esses projectos, como formas de mobilização para a mobilidade familiar, são de facto “eficientes” nesses propósitos, ainda que os

mesmo projectos, uns mais que outros, contenham em si os limites (estruturais e objectivos) do atingível e do realizável.

Nos casos sem projectos familiares a reprodução é continuista, sem nenhuma maximização organizacional ou reestruturação de capitais. Estes são também os casos de lugares de classe mais baixos, ora, “Dans les classes populaires (...) on se marie, si l'on peut dire, pour se marier, parce que c'est la seule chose à faire, et aussi pour “se mettre en règle”, parce que le concubinage présent trop d'incovenients sociaux et administratifs, et non pas, en tout cas, pour reproduire un “capital” que

l'on n'a pas”. [58] Ora, o que as famílias com projectos fechados “perceberam” (particularmente as famílias empresa-actividade), visto terem origem neste tipo de classes populares (mesmo que hoje não o sejam), é que a estrutura organizacional conjugal é em si (ou pode ser) um recurso que lhes permite escapar, pelo trabalho conjunto e diferenciado, à origem destituída que une os cônjuges,

como homogamia “sofrida”, por oposição a uma homogamia “desejada” nas classes mais altas. [59]

É este “desejo” de homogamia (não entendido como tal pelos agentes sociais, note-se) que explica as estratégias de “homogamização” que referimos anteriormente, particularmente vincadas nos casos de dupla carreira.

Conclusões

Partiu-se um quadro teórico que nos permitiu conceptualizar os modos de articulação entre classe social, trajectória social (e tempo estrutural de inserção dessas trajectórias), tipos de família conjugal, estratégias práticas de mobilidade, projectos familiares para a mobilidade e reprodução social das famílias. Ora, salientado a centralidade analítica da família na análise dos processos de mobilidade, procurou-se integrar na conceptualização dos fenómenos de mobilidade social a especificidade das matrizes conjugais (internamente sexualmente diferenciadas a vários níveis de integração conjugal), visto que os determinantes classistas diacrónicos, mesmo que integrados como matriz de disposições criadoras, não nos pareceram suficiente para dar conta das práticas estratégicas de mobilidade social das famílias. Daí o termos feito intervir na análise uma tipologia das formas de integração conjugal, tipologia essa que nos dá conta igualmente das diferentes organizações conjugais em termos de estruturas de papéis sociais de género.

Assim, pudemos conceber os sistemas de estratégias de reprodução social como sendo, diferencialmente e especificamente, complexos estratégicos de articulação conjugal. A ideia aqui presente é a de que a relação conjugal, como relação sexualmente diferenciada resultante da união de duas trajectórias sociais sexuadas, produz resultados específicos na actuação estratégica consoante a especialização propriamente sexual dos âmbitos de acção e visão dos cônjuges, o que determina determinadas formas de inserção da família no todo das relações sociais, nomeadamente pela via das inserções socioprofissionais diferenciadas de ambos os cônjuges.

Neste seguimento procurámos fazer também intervir na conceptualização algo que nos desse conta dos processos específicos de mobilização familiar para a mobilidade social. Esse algo, que não se restringe à mera actualização prática, ainda que criativa e construtiva, das disposições integrados nos *habitus* diferenciados, é-nos fornecido pelo conceito de projecto familiar, que, não obliterando as diferenciações de classe e de género no casal (antes nascendo delas, enquanto disposições estratégicas integradas), constitui a noção que nos dá conta dos processos de criação performativa e de reforço da monitorização reflexiva da acção que a enunciação discursiva dos sentidos presentes nos complexos de articulação estratégica conjugal produz.

Foi assim que, pela articulação propriamente intergeracional destes processos, se pôde reconstruir as linhas de força, para a continuidade ou para a ruptura, que ligam as origens sociais, as histórias conjugais e a transmissão das vantagens sociais à descendência.

O que se ressalta dos resultados obtidos é que a mobilidade (ou a imobilidade), tal como a homogamia, produz-se essencialmente através dos estatutos adquiridos de ambos os cônjuges, ora, esses estatutos adquiridos são-no muitas vezes durante a relação conjugal, daí que não possam

ser entendidos em separado. [60] É neste sentido que todo o trabalho que realizámos foi no sentido de salientar a importância da conjugalidade numa pluralidade vasta de processos sociais (*grosso modo* a problemática da mobilidade social). De facto, o que qualquer um dos cônjuges eventualmente faz não pode ser entendido sem tomar em consideração o que faz o outro.

As trajectórias sexuadas articulam-se no casamento e na família, construindo um quadro relativamente complementar (ainda que eventualmente conflitual e quase sempre assimétrico) de unidade na acção estratégica para a mobilidade. Então, e para o que nos interessa, o que o casal faz (não tomando nós a acção conjunta como unidade harmoniosa, mas antes diferenciada sexual e socialmente) muito deve ao que o casal “é”. Logo, a(s) inserção(ões) de um dado casal na estrutura das relações sociais muito depende dessa específica “natureza” conjugal, sendo certo que essa

“natureza” é pré-estruturada pelas relações sociais que a antecedem (nomeadamente as de classe e género). Âmbito central dessas relações sociais é, como já o dissemos, o âmbito do trabalho produtivo (por oposição ao reprodutivo).

Por conseguinte faz todo o sentido falar de um *complexo família-trabalho*, como sistema onde se cruzam as dimensões da produção (trabalho) e da reprodução (organização familiar), que é um conjunto estruturado de interdependências e não dois universos sociais separados. [61]

Consequentemente, a nossa ideia é a de que não é preponderantemente o pólo do trabalho (nomeadamente o masculino) a estruturar as condutas familiares, mas o inverso. Assim, é o pólo da vida familiar que, pela via das inserções profissionais, estrutura a posição de classe da família. Ou melhor, os “arranjos” na esfera da reprodução (atribuída preponderantemente à família) estruturam microssociologicamente a inserção familiar na esfera da produção (esfera do trabalho), sendo a reprodução, no entanto, macrossociologicamente estruturada pela estrutura produtiva.

Creemos então, e é essa a nossa grande conclusão, que a estrutura organizativa conjugal é o elemento-chave que nos permite compreender a relação de interdependência entre família e trabalho, logo, entre processos familiares e mobilidade social. Como nos diz C. Saraceno, a “participação no mercado de trabalho por parte dos vários membros da família é condicionada (...) não apenas pela qualidade da procura de trabalho [condicionamento macrossociológico da reprodução pela produção] mas também pela divisão do trabalho familiar e pelas relações na família”. [62]

Dizer isto é dizer, e muitas vezes tal é esquecido (no que toca a trabalhos sobre a mobilidade social das famílias), que o lugar da mulher é central quer na definição das estratégias de inserção familiar no campo das relações socioeconómicas, quer na construção de projectos que afectam positivamente o ímpeto dessas estratégias (já Isabelle Bertaux-Wiame salientava a importância das mulheres

na construção de projectos familiares). [63] Creemos tê-lo demonstrado, quer nas situações de actividade profissional feminina (seja elas de que tipo forem), quer nas situações de domesticidade feminina.

Em síntese, a matriz de relacionamentos conjugais afecta profundamente a inserção das famílias (como todo internamente diferenciado sexual e socialmente) e dos membros dessas famílias (como indivíduos sexual e socialmente categorizados) no espaço das relações económicas e, por essa via, afecta os processos propriamente familiares de mobilidade social. Sendo no entanto certo que existem diferentes níveis de prática e representação da acção para a mobilidade. Quanto maior o nível de explicitação discursiva do sentido estratégico para a mobilidade que determinada conjugalidade produz, maior, mas não ilimitada, será a mobilização familiar para uma mobilidade mais “agressiva” e de facto conseguida.

*
— Esta comunicação resulta do trabalho de investigação levado a cabo no âmbito do 5º ano da licenciatura de sociologia, no ano lectivo de 1994/95. Apresenta-se aqui uma síntese muito reduzida dos principais resultados obtido, expostos na dissertação final de licenciatura *Estratégias de Mobilidade Social, Projectos Familiares e Reprodução Familiar em contexto rural*, orientada pela Profª Doutora Karin Wall.

**
— Licenciado em Sociologia pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

[1] vila-sede do concelho rural do mesmo nome, situado no distrito de Portalegre, Alto Alentejo.

[2] Cf. Claude Thélot, “La mobilité sociale”, in François de Singly (dir.), *La Famille. L'État des Savoirs*, Paris, Éd. La Decouverte, 1991, p. 221.

[3] Cf. Daniel Bertaux, “Famille et mobilité sociale: la méthode des généalogies sociales comparées”, in GREF/AISLF (eds.), *Familles et Contextes Sociaux*, Actes du Colloque de Lisbonne, Lisbonne, CIES, 1992, p. 281.

[4] Cf. Marielsa López, “Famille et mobilité sociale au Venezuela”, in GREF/AISLF (eds.), *Familles et Contextes Sociaux*, Actes du Colloque de Lisbonne, Lisbonne, CIES, 1992, p. 210.

[5] Cf. M. Duro-Bellat e A. H.-van Zanten, *Sociologie de l'École*, Paris, Armand Colin, 1992, p. 55.

[6] Fernando Luís Machado, *Classes, Grupos de Referência e Identidades*, Parte II, Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Lisboa, ISCTE, 1991, p. 65.

[7] Cf. Daniel Bertaux, *Destinos Pessoais e Estrutura de Classes*, Lisboa, Moraes Ed., 1978, pp. 45/46.

[8] Cf. Jean Claude Passeron, “Biographie, flux, itinéraires, trajectoires”, *Revue Française de Sociologie*, XXXI, 1989, pp. 7-9.

[9] Para uma síntese da questão da unidimensionalidade versus pluridimensionalidade do conceito de classe social vide António

Firmino da Costa, "Novos Contributos para Velhas Questões da Teoria das Classes Sociais", *Análise Social*, vol. XXIII (98), 1987, pp. 652-658.

[10]

Fernando Luís Machado, *op. cit.*, p. 76/77.

[11]

Cf. Pierre Bourdieu, *La Distinction - critique sociale du jugement*, Paris, Editions du Minuit, 1979, pp. 128 e ss.

[12]

Fernando Luís Machado, *op. cit.*, p. 109.

[13]

Cf. Pierre Bourdieu, *id.*, p. 112.

[14]

Cf. Pierre Bourdieu, "Esboço de uma Teoria da Prática", in R. Ortiz e F. Fernandes (org.), *Pierre Bourdieu*, São Paulo, Ática, 1983; Pierre Bourdieu, *La Distinction - critique sociale du jugement*, Paris, Editions du Minuit, 1979; Pierre Bourdieu, *Le Sens Pratique*, Paris, Editions du Minuit, 1980.

[15]

Pierre Bourdieu, "Esboço de uma Teoria da Prática", in R. Ortiz e F. Fernandes (org.), *Pierre Bourdieu*, São Paulo, Ática, 1983, p. 61.

[16]

Cf. Pierre Bourdieu, "Fieldwork in Philosophy", in P. Bourdieu *Choses Dites*, Paris, Éd. de Minuit, 1987, p. 21.

[17]

Cf. Pierre Bourdieu, "A génese dos conceitos de habitus e de campo", in P. Bourdieu, *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel, 1989, p. 61.

[18]

Pierre Bourdieu, *La Distinction - critique sociale du jugement*, Paris, Editions du Minuit, 1979, p. 145.

[19]

Jean Kellerhals *et al.*, *Mariages au Quotidien*, Lausanne, Éd. Pierre-Marcel Favre, 1982, p. 92.

[20]

João Ferreira de Almeida, "Alguns problemas de teoria das classes sociais", *Análise Social*, nº 66, 1981, p. 248.

[21]

Cf. Pierre Bourdieu, *La Distinction - critique sociale du jugement*, Paris, Editions du Minuit, 1979, p. 124.

[22]

Cf. Tamara Hareven, *Synchronising Individual Time, Family Time and Historical Time: the Life Course approach*, Paris, manuscrito, 1994, p. 1.

[23]

Cf. Daniel Bertaux, *id.*, pp. 59-108.

[24]

Cf. Daniel Bertaux, "Famille et mobilité sociale: la méthode des généalogies sociales comparées", in GREF/AISLF (eds.), *Familles et Contextes Sociaux*, Actes du Colloque de Lisbonne, Lisbonne, CIES, 1992, p. 282.

[25]

Obviamente que este enunciado teria que ser reformulado se estivéssemos a tratar de conjugalidades homossexuais. De qualquer modo, mesmo nos poucos países que permitem a oficialização de uniões entre indivíduos do mesmo sexo, casar, constituir família, continuará a ser um fenómeno estruturalmente heterossexual.

[26]

Cf. François de Singly, "Théorie Critique de l'Homogamie", *L'Année Sociologique*, nº 37, 1987, pp. 181-205.

[27]

Cf. Agnès Pitrou, "L'interaction entre la sphère du travail et la sphère de la vie familiale", *Sociologie et Sociétés*, vol. XIX, nº 2, Octobre 1987, p. 103/104.

[28]

Já D. Combes e M. Haicault dizem qualquer coisa de semelhante (*vide* Danièle Combes e Monique Haicault, "Production et Reproduction, rapports sociaux de sexes et de classes", in M. A. Barrère-Maurisson *et al.*, *Sexe du Travail*, Grenoble, PUG, 1984, p. 164).

[29]

Cf. Agnès Pitrou, "Pour une lecture théorique de l'articulation entre temps sociaux et projet familiale", in AISLF (ed.), *La Dynamique Familiale et les Constructions sociales du Temps*, Liège, Université de Liège, 1987, p. 87.

[30]

Cf. Martine Chaudron, "Sur les trajectoires sociales des femmes et des hommes. Stratégies familiales de reproduction et trajectoires individuelles", in M. A. Barrère-Maurisson *et al.*, *Sexe du Travail*, Grenoble, PUG, 1984, p. 17.

[31]

Cf. Martine Chaudron, *op. cit.*, p. 23.

[32]

Cf. Agnès Pitrou, *id.*, p. 86.

[33]

A este respeito *vide*: Louis Roussel, "Mariages et divorces. Contribution à une analyse systématique des modèles matrimoniaux", *Population*, nº 6, 1980, pp. 1025-1039; Louis Roussel, "Les Types de Famille", in François de Singly (dir.), *La Famille. L'État des Savoirs*, Paris, Éd. La Découverte, 1991, pp. 83-94; Louis Roussel, *La Famille Incertaine*, Paris, Odile Jacob, 1989, pp. 24-38 sobre a família instituição e pp. 164-175 sobre as famílias de tipo aliança, fusão e associação (termo que nas últimas duas publicações foi substituído pelo de família-clubes).

- [34] Já Joseph Shumpeter (referido por Claude Thélot, *op. cit.*, p. 227.) considerava as famílias como sendo os verdadeiros sujeitos dos processos, consciente ou inconscientes, de mobilidade social.
- [35] Pierre Bourdieu, “Le champ intellectuel: un monde à part”, in P. Bourdieu *Choses Dites*, Paris, Éd. de Minuit, 1987, p. 177.
- [36] Serge Moscovici cit in, Jorge Vala, “Sobre as representações sociais: para uma epistemologia do senso comum”, *Cadernos de Ciências Sociais*, nº4, 1986, p. 5.
- [37] M. Duro-Bellat e A. H.-van Zanten, *op. cit.*, p. 166.
- [38] Gilberto Velho, cit. in Fernando Luís Machado, *op. cit.*, p. 131.
- [39] Como aliás já o apontou A. Firmino da Costa (*op. cit.*, p. 675).
- [40] Cf. Anthony Giddens, *The Constitution of Society*, Cambridge, Polity Press, 1993 (1ª ed. 1984), pp. 41-45.
- [41] Cf. Agnès Pitrou, *id.*, p. 92.
- [42] De facto, “... loin d'être posées comme telle dans un *projet* explicite et conscient, les stratégies suggérées par l'habitus comme sens du jeu visent (...) des “potentialités objectives” immédiatement données dans le présent imédiate” (Pierre Bourdieu, *Réponses*, Paris, Éd. du Seuil, 1992, p. 104).
- [43] Sobre os efeitos de *codificação* (mais ou menos estruturada) das representações sociais, *vide* Pierre Bourdieu, “La codification”, in P. Bourdieu *Choses Dites*, Paris, Éd. de Minuit, 1987.
- [44] Cf. Danièle Combes e Monique Haicault, *op. cit.*, pp. 163-164.
- [45] Cf. Agnès Pitrou, *id.*, p. 89.
- [46] Cf. Martine Segalen, *Sociologie de la Famille*, Paris, Armand Colin, 1981, p. 186.
- [47] Foram realizadas 28 entrevistas apenas a homens casados e profissionalizados (ou já reformados), residentes na vila de Castelo de Vide e com idades compreendidas entre os 23 e os 79 anos. A população estudada foi diversificada segundo três critérios (ou variáveis): faixa etário-geracional, classe social e tipo de família conjugal (tipo de casamento). O guião da entrevista obedeceu ao intuito de reconstrução das trajectórias das famílias num conjunto alargado de âmbitos sociais. Assim, com vista à reconstrução detalhada dessas trajectórias sociais individuais e familiares, procurou-se reconstruir os percursos territoriais, profissionais e escolares dos entrevistados e seus cônjuges (bem como das respectivas famílias de origem), isto a par de um questionamento dos planos e projectos aquando de quaisquer mudanças relevantes nesses percursos. Teve-se também em conta, mas só para os próprios entrevistados, os processos de socialização na família de origem, como também os destinos sociais da frátria desses entrevistados. Procurou-se igualmente reconstruir para os casamentos dos entrevistados (prática e representacionalmente) quais as lógicas de escolha matrimonial, qual a estrutura de relações conjugais, qual a trajectória social de filhos e filhas (e que alterações provocaram na biografia da própria relação conjugal), quais os projectos hoje em dia verbalizados, que tipos de trocas intergeracionais se verificaram e qual a sua importância subjectiva, que tipos de transmissão do património e modalidades de herança se verificaram e qual a sua importância.
- [48] De facto, já M. Segalen apontava que a mobilidade ascendente (intergeracional) traz proveitos também à geração menos privilegiada das duas. Para pôr a questão em termos simplista, os filhos que venceram na vida ajudam os pais que os ajudaram a vencer na vida (cf. Martine Segalen, *op. cit.*, p. 193).
- [49] D. Baumrind cit. in Marie Duro-Bellat e A. Henriot-van Zanten, *op. cit.*, p. 164.
- [50] Cf. Jean Kellerhals e Cleopâtre Montadon, *Les Stratégies Éducatives des Familles*, Neuchâtel-Paris, Delachot-Niestlé, 1991, pp. 207 e ss.
- [51] Cf. Pierre Bourdieu, “Reprodução Cultural e Reprodução Social”, in S. Grácio, S. Miranda e S. Stoer (ant.), *Sociologia da Educação I*, Lisboa, Livros Horizonte, s.d., p. 335.
- [52] Cf. Pierre Bourdieu, “Classement, Déclassement, Reclassement”, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 24, 1978, p. 9-11.
- [53] Cf. Marie Duro-Bellat e A. Henriot-van Zanten, *op. cit.*, p. 161.
- [54] Cf. Agnès Pitrou, Pour une lecture théorique de l'articulation entre temps sociaux et projet familiale”, in AISLF (ed.), *La Dynamique Familiale et les Constructions sociales du Temps*, Liège, Université de Liège, 1987, p. 90.
- [55] B. Bernstein cit. in Marie Duro-Bellat e A. Henriot-van Zanten, *op. cit.*, p. 162, *vide* também Chiara Saraceno, *Sociologia da Família*, Lisboa, Ed. Estampa, 1992, pp. 168/169.

[56]

Cf. Marie Duro-Bellat e A. Henriot-van Zanten, *op. cit.*, p. 166.

[57]

Martine Segalen cit. *in* Jean Kellerhals *et al.*, *Microsociologia da Família*, Mem Martins, Europa-América, 1989, p. 107.

[58]

Alain Desrosières, "Marché matrimonial et structure des classes sociales", *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 20/21, 1978, p. 106.

[59]

Cf. Jean Kellerhals, *et al.*, *Mariages au Quotidien*, Lausanne, Éd. Pierre-Marcel Favre, 1982, p. 68.

[60]

Cf. *ibidem*, p. 67.

[61]

Conceito de Joseph Pleck, cit. *in* Chiara Saraceno, *op. cit.*, p. 173 e ss.

[62]

Chiara Saraceno, *op. cit.*, p. 174.

[63]

Isabelle Bertaux-Wiame cit. *in* Marielsa López, *op. cit.*, p. 212.